

Estágio Supervisionado em tempos de Pandemia: uma experiência no Ensino Fundamental

Rebeka Sabryna Freitas ¹
Gilmara Gomes Meira ²

RESUMO

O presente trabalho é fruto de experiências vivenciadas durante a prática de Estágio Supervisionado II, com base em observações, seguidas pelo planejamento das ações de regência e finalizadas com a etapa de intervenção. Com isso, o principal objetivo é apresentar reflexões a partir da prática desenvolvida e a importância do Estágio ser encarado como pesquisa durante a formação do licenciando. Tais experiências ocorreram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, situada na cidade de Monteiro - PB, especificamente, em turmas do 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental, no 1º semestre de 2021. Parte dos fundamentos teóricos que nos embasaram para a construção desse trabalho, enxergando o Estágio como campo fértil para reflexões e pesquisas, foram Pimenta e Lima (2004), Fontana (2011), e Silva e Barbosa (2011). Devido à pandemia ocasionada pela Covid-19, a regência nas turmas ocorreu de forma remota através de atividades síncronas pela plataforma *Google Meet* no decorrer de três semanas seguidas. Tal experiência se mostrou essencial para reflexões sobre teoria e prática mediante o desenvolvimento do Estágio Supervisionado, bem como na construção e reconstrução de conceitos acerca do exercício docente.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Formação docente; Ensino de Matemática.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura aproxima o licenciando ao seu futuro ambiente de trabalho - a escola, visando à efetividade da sua prática docente. Com isso, entendemos que é uma etapa fundamental na formação inicial do professor e, conseqüentemente, fundamental para os licenciandos do curso de Licenciatura Plena em Matemática, devido à aproximação com o ambiente escolar, visando à efetividade da prática docente, sendo um momento viável para conhecimento acerca do ofício e suas particularidades em sala de aula.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus VI.

rebekasabryna@live.com

² Professora Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática responsável por componentes de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus VI.

gilmara@servidor.uepb.edu.br

A partir do regimento aprovado pela RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/068/2015, o Estágio Supervisionado é um componente curricular que deve estar presente nos cursos de licenciatura, realizado sob a forma de vivência profissional docente nas escolas. Desse modo, o Estágio Supervisionado é de caráter obrigatório e deverá ser operacionalizado a partir do início da segunda metade do curso de formação de professores para Educação Básica.

O curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) oferece em sua grade curricular três componentes de Estágios Supervisionados que totalizam 400 horas de atividades, a saber: Estágio I, abrange uma carga horária de 100 horas, sendo destas, 60 horas de atividades práticas na escola abrangendo observação da sala de aula no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio; O Estágio II, com carga horária de 150 horas, sendo 110 horas de atividades presenciais na escola, tem o propósito de levar o licenciando ao desenvolvimento de regência nas aulas de Matemática em turmas do Ensino Fundamental II; Já o Estágio III, é composto por 150 horas, das quais 120 horas são destinadas a atividades presenciais na escola, o que propicia o desenvolvimento de regências em aulas de Matemática no Ensino Médio.

Partindo disso, a experiência vivenciada a partir do Estágio II, ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, situada na zona urbana do município de Monteiro - PB, em turmas do 6º e 7º Anos. Para tanto, todo encaminhamento, preparação, orientações e regência ocorreram de forma remota através de contatos virtuais com a escola e atividades síncronas com as turmas subsidiadas pela plataforma *Google Meet*. Assim, a experiência se deu em três fases: observação inicial nas aulas para conhecimento da turma e da prática do professor regente; planejamento das atividades a serem desenvolvidas, de acordo com as sequências disponibilizadas pela instituição; e desenvolvimento das regências.

Nas seções que seguem, destacamos os caminhos metodológicos, argumentos teóricos que fundamentam o Estágio Supervisionado e o detalhamento da experiência por meio das ações e resultados.

METODOLOGIA

Devido ao contexto de pandemia ocorrido desde março de 2020 no Brasil e no mundo provocado pelo coronavírus - Covid-19 houve a necessidade do isolamento físico para evitar a proliferação do vírus e das graves consequências advindas dele. Com isso,

desde então, o trabalho nas instituições de ensino tem ocorrido apenas de forma remota, o que ocasionou a preparação e o desenvolvimento do Estágio também nessa modalidade.

Sendo assim, com as aulas do componente Estágio Supervisionado II ocorrendo também de forma remota, fomos orientados pela professora supervisora sobre os aspectos teóricos necessários para subsidiar a prática, o planejamento para as ações, as etapas da prática nesse Estágio e os encaminhamentos necessários frente à cada etapa. Sendo assim, tínhamos aulas semanais do componente, onde ocorriam as devidas orientações e planejamentos, nos auxiliando a proceder adequadamente nas turmas as quais iríamos desenvolver a prática. Posteriormente, com o desenvolvimento de cada regência nas turmas, semanalmente socializávamos os resultados e recebíamos as devidas orientações para continuar as intervenções.

A prática do Estágio II ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, especificamente, nas turmas do 6º Ano A (21 alunos), 6º Ano B (21 alunos), 6º Ano C (20 alunos), 7º Ano B (26 alunos) e 7º Ano C (25 alunos), com aulas síncronas individuais para cada a turma, por meio da plataforma *Google Meet*. Assim, desenvolvemos vinte e oito aulas, distribuídas em onze dias, sendo que cada aula tinha duração de 30 minutos e ocorriam em três dias semanais.

Para o exercício da prática, e considerando a mesma uma pesquisa, inspirados em Pimenta e Lima (2004) desenvolvemos a regência, refletindo sobre cada ação desenvolvida e observando toda interação das turmas, frente ao que era trabalhado no decorrer de cada aula.

A primeira semana da prática foi voltada para a observação das aulas nas turmas, a fim de que pudéssemos nos inteirar sobre a dinâmica e metodologia, bem como conhecer o perfil dos alunos. Além disso, era também uma oportunidade de se inteirar acerca dos conteúdos que estavam sendo ministrados e o nível como eram abordados (elaborados de forma semanal). Partindo disso, iniciamos todo o planejamento e sequenciamento didático para as intervenções nas turmas.

Inspirados em Shulman (1986), quando trata das categorias que compõem a base de conhecimento para o ensino, orientamos nossa prática a partir dos seguintes conhecimentos: “conhecimento do conteúdo específico”, “conhecimento pedagógico do conteúdo” e “conhecimento curricular”. Assim, o “conhecimento do conteúdo específico” refere-se à compreensão do professor acerca dos conteúdos, bem como saber justificar o ensino do mesmo e o modo como se constrói seus conceitos. Já o “conhecimento pedagógico do conteúdo” é visto como a maneira de ensinar e expor seus conhecimentos aos alunos. E o

“conhecimento curricular” é o conhecimento dos professores acerca da organização e estruturação dos fundamentos escolares por meio das orientações de ensino. Assim, a coleta de dados foi realizada por meio da observação direta e anotações acerca dos eventos ocorridos em cada aula desenvolvida durante o Estágio.

Em relação aos 6º Anos, embora fossem turmas distintas, a sequência de conteúdos era a mesma para cada turma, logo, o planejamento construído a partir de fundamentos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, foi comum para todas elas. Referente à primeira semana de regência, a sequência didática que elaboramos, tratou sobre o sistema de numeração decimal (ordem e classe), em que o objetivo geral da atividade constitui-se em reconhecer, compreender e estruturar suas principais características. A segunda semana fora planejada com base no conteúdo de adição e subtração de números naturais, visando a resolução e elaboração de problemas que envolviam cálculos (mentais ou escritos), mediante variadas estratégias. E a terceira e última semana, foi constituída a partir da multiplicação e divisão de números naturais, objetivando a compreensão e elaboração de estratégias para a resolução e composição de cálculos mentais ou escritos.

Referente aos 7º Anos, a sequência de conteúdos também era comum para todas as turmas, assim, elaboramos uma sequência didática organizada em módulos semanais para todas elas. Todo planejamento foi também fundamentado nas habilidades apresentadas na BNCC e, assim, na primeira semana de regência nas turmas, o propósito foi trabalhar o conteúdo de números inteiros e reta numérica, com o objetivo de propiciar a compreensão de que números inteiros são uma extensão dos números naturais, além de reconhecer, comparar e ordenar em diferentes contextos e representação na reta numérica. Para as duas semanas posteriores, o planejamento objetivou a continuidade e conclusão do respectivo conteúdo envolvendo suas operações.

Conforme citado, as aulas foram ministradas através da plataforma *Google Meet*, logo os recursos de ensino foram um pouco limitados, dado que nem todos os alunos tinham acesso à internet de qualidade ou condições para adquirir materiais manipuláveis. Contudo, as aulas foram desenvolvidas com o auxílio do *Microsoft Powerpoint* para a apresentação dos conteúdos em *slides* e o quadro branco para as explicações, além dos materiais pessoais de cada aluno (lista de exercícios ofertada pela escola).

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerado um dos grandes desafios para os licenciandos, o Estágio Supervisionado é o momento de unir teoria e prática. Assim como declara Fontana (2011), o Estágio é uma

parte significativa para futuro profissional, de modo que o aprendizado desenvolve-se por meio da articulação entre a educação formal (saberes disciplinares sistematizados) e a vivência das situações concretas (inserção e atuação do licenciado na dinâmica da escola).

Ao deparar-se com as situações concretas do âmbito escolar, até então apenas teorias, o licenciando encontra-se cercado de questionamentos e incertezas, o que pode afetar várias esferas, levando-nos a perceber que o Estágio, além de uma questão pedagógica, é uma questão social e filosófica que deve ser analisada desde o ensino do professor até a sua formação. Salientando que o Estágio contrasta as práticas e responsabilidades dos estagiários, professores supervisores e professores colaboradores.

Nessa perspectiva, trabalhar em conjunto acarreta dificuldades geradas pelos valores, saberes e práticas de cada componente desse processo. Por esse ângulo, o Estágio pode ser definido como:

[...] uma instância de formação recíproca em que o outro (referindo-me à tríade – estagiário, formador, professor em atuação) é alguém com quem se vai aprender algo. Algo sobre o outro - o que ele faz, as especificidades da sua experiência - e, também, algo sobre si mesmo (FONTANA, 2011, p.21).

Conseqüentemente, as experiências vividas consistem no aprendizado dos processos estruturais presentes, todavia, devemos nos atentar a significação, pois sem ela não há experiência, contanto que a união de ambas traceja relações sociais. Outro fator importante é a inserção do licenciando no âmbito escolar. Considerado suscetível e categórico, esse momento provoca dificuldades e peculiaridades na relação dos licenciados com complexas situações, que vão de questões internas a sala de aula até externas a escola e o sistema de ensino.

É ainda importante relembrar que o propósito do Estágio vai além do processo de ensino e aprendizagem acerca da prática pedagógica articulada aos conteúdos teóricos. Sua função traz um desafio extremo, ou seja, o caráter investigativo atrelado à prática docente. Para tal, faz-se necessário a formação do professor reflexivo, aquele que procura sempre manter um olhar crítico sobre a prática pedagógica, objetivando a transformação e ampliação do aprendizado do aluno (SILVA e BARBOSA, 2011).

Acerca da importância da pesquisa no Estágio, Pimenta e Lima (2004) asseguram que:

A pesquisa no Estágio como método de formação dos estagiários, futuros professores, se traduz pela mobilização de investigações que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os Estágios se realizam. E também, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem posturas e habilidades de pesquisador a partir das situações de Estágio, elaborando

projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam (PIMENTA e LIMA, 2004, p. 236).

Portanto, analisar a complexidade e o paradoxo presente no processo social da inserção do licenciando na escola, pode ajudar os mesmos a compreender o trabalho docente como uma prática entre sujeitos, que possui um sistema aberto ao relacionar o conhecimento teórico e técnico às situações concretas que o cotidiano escolar exige.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relataremos agora como foi desenvolvida a intervenção a partir do Estágio Supervisionado II, nas turmas de 6º e 7º Anos, conforme especificadas anteriormente. Para melhor compreensão, nas próximas linhas relataremos separadamente a descrição e análise dos dados coletados em ambas as turmas.

A PRÁTICA DESENVOLVIDA NAS TURMAS DO 6º ANO

Na primeira semana, trabalhando com o conteúdo de sistema de numeração decimal, nossa aula se deu por meio de um breve diagnóstico sobre o conteúdo que os alunos haviam estudado na semana passada, para que pudessem relembrar alguns aspectos, buscando dissuadir as dúvidas pertinentes. Em seguida, junto aos alunos, foi realizada a leitura da atividade referente ao mesmo, esse foi enriquecido com a participação dos alunos que demonstravam interesse na aula e participavam constantemente, respondendo às nossas perguntas e solucionando as questões, ressaltando que cerca de 80% dos alunos estavam presentes.

Como recurso, foi utilizado um quadro branco para que as explicações, dúvidas e revisões fossem desenvolvidas, além do *slide* como recurso auxiliar para que o conteúdo fosse apresentado e as questões e desafios fossem realizados. Dessa maneira, compartilhávamos a tela com os alunos e orientávamos para que fixassem a mesma quando estivessemos utilizando o quadro (onde a câmera estava focada) para que conseguissem acompanhar mais nitidamente.

Buscando trabalhar com a adição e subtração de números naturais, de modo a criar estratégias para que os alunos conseguissem resolver e elaborar problemas com cálculos mentais ou escritos, a segunda semana foi iniciada com perguntas sobre o que os alunos entendiam sobre adição e subtração, seguida da explicação do conteúdo, por meio de teoria e exemplos. A partir disso, foram levantados alguns questionamentos como:

“Como consigo aplicar meus conhecimentos sobre adição e subtração em situações cotidianas?”

*“Me digam uma situação-problema que envolva a adição e a subtração. Isso é possível?”
“Dá para resolver situações-problema de adição e subtração sem o uso dos algoritmos?”*

Mesmo após repetir a pergunta e esclarecer para eles o que se pedia, os alunos não conseguiam formular respostas para tal, logo, a professora regente da turma interferiu ajudando a dar exemplos de situações para que eles entendessem o que estava sendo pedido. Após esses exemplos, obtivemos respostas como:

“Minha mãe comprou 8 laranjas e usou 3”.

“Minha mãe foi ao mercado e comprou 2 pacotes de bolacha e usou 2”.

“Eu tinha 60 maçãs e Maria tinha 40 laranjas. Quantas frutas tinham as duas juntas?”.

“Minha mãe tem 32 bananas e eu tenho 22. Quantas bananas minha Mãe tem a mais que eu?”

“Um sacolão tinha 200 frutas, entre elas 10 maçãs, 30 bananas e 50 uvas. Quantas frutas desconhecidas tinha?”

Notando que os alunos seguiam o raciocínio uns dos outros, pedimos para que dissessem exemplos de situações que envolviam soma e subtração. Nesse momento, os alunos tiveram certa dificuldade para formular suas ideias, logo não apresentaram nenhum exemplo. Assim, a fim de que os alunos pudessem entender que é possível o uso da soma e da subtração em um único problema, apresentamos a seguinte situação: “Ana tinha 5 lápis e João 8. Quantos lápis tinham juntos e quantos a mais João tinha?”. Para esse momento, nos baseamos em Mesquita e Soares (2011), que defendem que quando induzimos os alunos a pensar, estamos levando-os a serem reflexivos, de modo a construir e potencializar seus saberes.

Quanto ao questionamento sobre resolver situações problemas sem o uso do algoritmo, uma parte respondeu que sem o algoritmo eles “errariam os resultados”, e outros responderam que sim, pela calculadora, por cálculo mental ou pelas mãos. Em um certo momento, uma aluna indagou sobre uma determinada subtração, logo, almejando auxiliar a aluna, fizemos referência ao dinheiro. No diálogo apresentado no quadro abaixo, apresentamos um trecho da conversação entre a aluna, aqui identificada por *aluna X* e a estagiária:

Quadro 01 - Diálogo entre a estagiária e a *aluna X*.

Aluna X: Professora, como fica 3 - 0 na hora da conta?

Estagiária: Então, pensando em dinheiro! Se eu tenho R\$ 3,00 e não perco nada, com quanto eu fico?

Aluna X: Fico com os R\$ 3,00.

Estagiária: Exatamente! O zero é um elemento neutro na adição e na subtração.

Aluna X: Ahh, entendi. Qualquer número adicionado ou subtraído do zero é ele mesmo!

Fonte: construção nossa.

Logo após, subsidiado pelo *slide*, ocorreu a apresentação de exercícios para resolverem consecutivamente, no entanto, os alunos demoraram um pouco para articularem suas ideias, mas apresentaram muita vontade em interagir na aula.

O último momento da aula foi a correção das atividades que lhes foram oferecidas. A correção ocorreu por meio da leitura das questões junto a eles, seguida pela resolução no quadro a partir de suas respostas. No decorrer, os alunos interagiram bastante e fizeram questão de explanar seus resultados, tornando a aula bem tranquila e satisfatória.

Na terceira e última semana o conteúdo trabalhado foi multiplicação e divisão de números naturais, o primeiro momento se deu por meio da explicação do algoritmo da multiplicação, seguido por desafios e exercícios, esperando analisar o entendimento dos alunos e esclarecer possíveis dúvidas. Nesse momento, os alunos realizaram os desafios de forma rápida e exata, revelando seus resultados e interagindo entre eles mesmos, nos levando a entender que estavam acompanhando adequadamente o desenvolvimento da aula.

No segundo momento, houve a explicação da divisão com os naturais que, geralmente, os alunos apresentam dificuldades em compreender sua ideia e associá-la ao seu algoritmo. Porém, interagiram e revelaram suas dúvidas, tornando assim, a aula mais produtiva. Posteriormente, foram propostos alguns desafios e exercícios, entretanto, desconfiando da possibilidade de estarem utilizando apenas calculadora, sempre questionava-os sobre como fizeram, quais valores utilizaram, etc. Assim, em um desafio, que resultava em uma divisão com resto, alguns alunos não conseguiram fazer de imediato, então, para esclarecer a resolução, fizemos a mesma no quadro, contando com a participação e interação da maioria. Por fim, foi desenvolvida a correção de questões contextualizadas que foram oferecidas para abranger o conteúdo apresentado, buscando uma nova oportunidade para as dúvidas recorrentes e para a melhor compreensão acerca do assunto.

Com isso, durante o Estágio pudemos observar que mesmo tendo uma base de conhecimentos prévios adequados ao nível de escolaridade, os alunos apresentam dificuldades em articular os conceitos. Entretanto, a vasta participação dos mesmos e a vontade em aprender, tornou as aulas proveitosas e motivadoras, uma vez que, um dos maiores desafios no Estágio é a falta de interesse dos alunos, principalmente nesse momento de aulas remotas. Portanto, parafraseando Lopes, Traldi e Ferreira (2015), o Estágio nos leva a ter outras perspectivas tanto da docência quanto do mundo, levando-nos a desenvolver conhecimentos, habilidades, reflexões e experiências.

Como já mencionado, as aulas foram organizadas a partir de um sequenciamento didático, distribuídas em três semanas e subsidiadas por apresentação em *slides* e quadro branco através do *Google Meet*. A primeira semana foi trabalhado os números inteiros, reta numérica e operações de adição e subtração, onde almejávamos que os alunos conseguissem comparar e ordenar números inteiros em diferentes contextos, além de localizar, representar e associar números inteiros na reta numérica. E em seguida, resolver e elaborar problemas em diversos contextos, utilizando as operações fundamentais com os números inteiros.

Inicialmente, com auxílio da apresentação em *slides*, fizemos um breve diagnóstico sobre os números naturais, a fim de analisar o conhecimento dos alunos, que se mostraram atentos ao conteúdo já estudado e interessados com o novo conteúdo. Cada tópico era abordado juntamente com exercícios e desafios, a fim de propiciar que os alunos pudessem questionar sobre o assunto. Com isso, foi perceptível que os alunos apresentaram boa participação, interagindo nas explicações e respondendo aos exercícios, possibilitando analisarmos sobre compreensão e possíveis dúvidas. Ao término, costumávamos fazer a correção das questões oferecidas aos alunos, para abranger o conteúdo apresentado, buscando uma nova oportunidade para esclarecimento de dúvidas e melhor compreensão por parte dos alunos.

A segunda semana foi voltada para o ensino das operações de multiplicação e divisão, com o intuito de que pudessem resolver e elaborar problemas. O primeiro momento aconteceu a partir da revisão do algoritmo da adição e da subtração. No segundo momento ocorreu a proposta de situações problemas, por meio da leitura conjunta e da resolução no quadro branco, almejando que os alunos refletissem suas ações, demonstrassem as metodologias utilizadas e manifestassem suas possíveis dúvidas.

Nesse momento da resolução dos problemas apresentados, os alunos interagiram bastante e apresentaram espontaneidade na participação ativa da aula e um conhecimento prévio satisfatório, sempre respondendo às indagações feitas e discutindo seus resultados. No último momento da aula, aconteceu a correção da atividade que fora disponibilizada para eles.

Trabalhando com as operações de multiplicação e divisão, a última semana foi iniciada a partir da explicação do algoritmo da multiplicação com números inteiros, partindo dos seguintes questionamentos:

“Em quais situações precisamos realizar uma multiplicação?”

“Será que a multiplicação de números inteiros é parecida com a multiplicação envolvendo os números naturais?”

Para tais indagações, os alunos se mostraram mais inseguros em formular respostas, assim, apresentamos alguns exemplos para facilitar a compreensão. Posteriormente,

conceituamos uma multiplicação, expondo as regras de sinais e demonstrando a partir de exemplos específicos. Para analisar os conhecimentos dos alunos, expomos alguns exercícios e desafios, com isso, passaram a interagir e participar ativamente das resoluções, sendo sempre questionados acerca de quais métodos faziam uso para chegar ao resultado.

Para explicar o algoritmo da divisão, partimos das definições e regras existentes. Observando que os alunos apresentaram maiores dificuldades em entender esse algoritmo, utilizamos o quadro branco para que visualizassem melhor. Posteriormente, apresentamos alguns problemas para que tentassem interpretar e utilizar dos conceitos já abordados para solucionar. Por último, buscando uma nova oportunidade para as dúvidas recorrentes e para melhorar a compreensão dos alunos sobre o assunto, foi desenvolvida a correção de questões contextualizadas que lhes foram oferecidas.

Mediante essa experiência, concordamos com Azolini (2012), quando enfatiza que o Estágio Supervisionado pode possibilitar que o licenciando exercite e aperfeiçoe os métodos, técnicas e estratégias para o seu progresso profissional. Concomitante isso, também em concordância com Lopes, Traldi e Ferreira (2015), sentimos que o Estágio é capaz de potencializar diversas aprendizagens, pois é com a experiência que podemos adquirir maiores conhecimentos, habilidades e reflexões necessárias à prática profissional.

Considerando que a atuação remota não é fácil, frente à realidade social e econômica que temos, sempre há diversos obstáculos a serem vencidos, contudo, a contingência de atuar em turmas que se envolveram significativamente com as aulas, fizeram dessa experiência uma válida oportunidade para aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem, a partir da interação com os alunos e participação ativa por parte deles.

Portanto, a prática nos fez compreender peculiaridades das ações docentes e da importância de dispor de estratégias de ensino na tentativa de atender às necessidades em meio à diversidade da sala de aula, afinal a prática docente pode influenciar consideravelmente nos resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distanciamento da sala de aula, simultâneo ao desafio de desenvolver aulas de forma remota, colocou os licenciandos frente a uma perspectiva distinta da prática pedagógica habitual do Estágio. Portanto, essa prática propiciada pelo Estágio Supervisionado II nos fez refletir sobre o atual contexto educacional brasileiro, revelando desafios e afirmando a importância do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem e da necessidade de estimular a autonomia do aluno - mais necessária que

nunca. E de um modo geral, a necessidade e expressividade do desempenho de todos os envolvidos no processo educativo, tal como escola, pais e governantes.

Nessa perspectiva, acreditamos que o Estágio nos revela afinidade ou não com a prática de sala de aula, a percepção relacionada à importância da formação qualificada para atender às demandas nas aulas de Matemática, a necessidade de dominar o conteúdo e adequar a metodologia ao público atendido em qualquer modalidade trabalhada, seja presencial ou virtual.

Outro aspecto observado, com base nessa experiência, é a contribuição do Estágio para o currículo da Licenciatura em Matemática. Os componentes curriculares de formação nos ajudaram consideravelmente para o desenvolvimento da prática pedagógica. Todavia, considerando essa situação desafiadora, acreditamos que componentes como Prática de Ensino e até mesmo Informática e Laboratório devem buscar reinventar-se por meio de práticas cada vez mais inovadoras, pois, certamente, serão incorporadas no futuro das salas de aula.

Por se tratar de um trabalho totalmente remoto, foi também desafiador, pois não tínhamos muita experiência nessa modalidade, contudo, conforme enfatiza Paulo Freire (1993), “nós podemos reinventar o mundo”, assim, fomos reinventando e adequando as metodologias frente ao que fomos trabalhando, o que resultou em diversas reflexões sobre a dinamicidade do exercício docente. Portanto, tratou-se de uma etapa muito satisfatória, mediante nossa formação acadêmica e pessoal, de modo que nos fez repensar a prática, analisando ações e conhecimentos, nos colocando enquanto agentes e sujeitos da prática, além de sujeitos do processo de construção e reconstrução do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AZOLINI, L. C. **O Estágio supervisionado na formação do professor de educação física: um estudo autorreferente de um estudante da ESEF da UFRGS no ano de 2012 (Trabalho de Conclusão de Curso), P. 1-51.** Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

FONTANA, Roseli A. C. Estágio: do labirinto aos frágeis Fios de Ariadne. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos; FERRO, Maria Eduarda. (Org). **Estágio Supervisionado e Práticas Educativas: diálogos interdisciplinares.** Dourados: Editora UEMS, 2011, p. 19-31.

LOPES, C. E.; TRALDI, A.; FERREIRA, A. C. (Org.). **O Estágio na formação inicial do professor que ensina Matemática.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

MESQUITA, Nyuara A. S.; SOARES, Márlon, H. F. B. A formação pela pesquisa: o Estágio como espaço de construção dos saberes. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO,

Alexandra Santos; FERRO, Maria Eduarda. (Org). **Estágio Supervisionado e Práticas Educativas: diálogos interdisciplinares**. Dourados: Editora UEMS, 2011, p. 293-308.

Paulo Freire: "Nós podemos reinventar o mundo". **Nova escola**, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo>>. Acesso em: 13 de mai. de 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Wagner, R.; BARBOSA, Selma, M. A. D. Desafios do Estágio Supervisionado numa licenciatura dupla: flagrando demandas e conflitos. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos; FERRO, Maria Eduarda. (Org). **Estágio Supervisionado e Práticas Educativas: diálogos interdisciplinares**. Dourados: Editora UEMS, 2011, p. 181-207.

SHULMAN, Lee. **Those who understand: Knowledge growth in teaching**. Educational Researcher n° 2, vol. 15, Washington, 1986, p. 04-14.